

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: Direitos Indígenas

Data: Junho/Julho de 1980 Pg.: 6 DINR0006

### INDÍGENAS SÃO QUISTOS PARA PROTÁSIO

Na Câmara dos Deputados, em Brasília, o Major Brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira deitou falação em torno do seu projeto de transformar os povos indígenas em brasileiros convictos. Foram horas de malhação sobre o direito à autodeterminação e à identidade étnica dos povos indígenas, "direitos considerados perniciosos para a segurança nacional", segundo o Brigadeiro Protásio.

#### A FALA DO BRIGADEIRO

O Brigadeiro nega enfaticamente o direito de as nações indígenas manterem suas culturas e tradições, criticando as ações destinadas a conscientizar cada vez mais os povos indígenas sobre a necessidade de conservarem seu modo de vida. Tais intentos, no entendimento do Brig. Protásio, fariam com que aumentassem as diferenças entre os grupos indígenas e a civilização brasileira, "formando assim verdadeiros quistos populacionais, quistos linguísticos, quistos raciais bem definidos e espalhados em toda a Amazônia que eles habitam... Esses núcleos, cada vez mais divergentes, seja pela tradição tribal, seja pelos incentivos que lhes são dados, vão se tornando nações e povos cada vez mais autênticos, ficando a um passo de se tornarem países independentes".

As vozes de defesa do direito de os índios serem povos livres dentro do Brasil,

particularmente o CIMI e o PORANTIM são tachados pelo Brigadeiro de "movimento anti-Brasil" com o intento claro de "dividir este País". Então, reconhecer os povos indígenas seria abrir mão da Grande Pátria Brasil e deixar que se criem "quistos", ou seja, uma doença intolerável, que tem de ser eliminada através de uma cirurgia especial: inculcando na consciência dos índios que o bom e a salvação está em serem brasileiros de corpo e alma.

Mas o governo acaso não tem permitido a formação de verdadeiros quistos dentro do solo amazônico como o Projeto Jari? O Projeto Jari não é então anti-Brasil?

#### ÍNDIO É BICHO?

Com pouca modéstia, o Brig. Protásio diz que pode falar de "cátedra" sobre a problemática indígena. E a especialidade do brigadeiro consiste em ensinar, didaticamente, como matar a cultura indígena. E o conhecimento sobre essa cultura?

"Não sei realmente o que é cultura, mas, para mim, cultura é esse contexto geral que gostamos de uma outra e eles sempre preferem o que é nosso. E nós pouco preferimos o que é deles". (Que beleza de definição protásiana da cultura. Assim, a cultura de um Apurinã se resume em desejar ser brasileiro...). O que é melhor?", pergunta e responde o Brigadeiro, "termos um reitor, um oficial da FAB que

foi índio ou termos um tuxáua, que mantém essa cultura? Para que a cultura deles? (Como se fosse uma extravagante inutilidade) Para servir de mostruário? Sou contra isso".

Os povos indígenas "são homens como nós, devem ser tratados como gente e não como bichos. Se fossem bichos, iríamos caçá-los para comer (e que outra coisa visa a proposta do Brigadeiro Protásio a não ser mastigar, triturar até extinguir a cultura indígena?). É preciso entender que ali estão seres humanos que merecem atenção, merecem ser levados a um ponto acima e não viver como animais no meio da selva. Por quê? Porque eles morrem como porcos lá dentro, de doenças que pegam no chão imundo em que vivem".

Para abrigar os povos indígenas o Brig. Protásio propõe a continuidade dos Trinômios da Integração: FAB-missionário-índio ou FAB-FUNAI-índio. O papel da missão é "educar" no sentido de fazer os povos indígenas compreenderem que há uma Pátria, que todos devem amar e defender. Devem ser "civilizados", aprender a comer com etiqueta, saber cantar o hino nacional. "Já nos colégios há a graciosidade da mulher. Já sabem rir. Já sabem conversar. Até isso a escola ensina.

Um padre Salesiano, para melhor mo-

strar os índios a serem brasileiros, arregimentou todo mundo para a construção de uma pista de pouso para o avião da FAB. O brigadeiro observou que aquela construção não tinha a mínima condição. "Ai, o padre Salesiano começou a chorar e disse: "Seu João, não faça isso, se o senhor fizer isso acaba com esta missão. Há 30 anos ensinamos a esses índios que existe um Deus, que existe um Jesus, que existe alguma coisa superior, que existe uma Pátria, que existe um Governo, que existe alguma coisa que se chama Brasil, e eles amam este Brasil. E eles nunca puderam testar isso, porque tudo isto era para eles subjetivo".

Um quadro patético, pois o brig. acabou chorando ante a possibilidade de perder uns brasileiros já convertidos (30 anos é muito tempo) à "civilização". A pista foi construída e consta que os índios ficaram satisfeitos, segundo o brigadeiro Protásio.

#### DISCURSO RACISTA

O deputado opositor Modesto Silveira foi o único que tomou a defesa dos povos indígenas tão atacados pelo discurso racista do Brig. Protásio. Não ficou jogando confete como o deputado Aluizio Bezerra que chegou ao cúmulo de louvar o "humanismo (sic) com que o brigadeiro abraça, com muito carinho, a causa indígena".